



ARTIGOS



Pessoas Com Deficiência, Roupa E Autoestima:

Quando A (Falta De) Representatividade Toca Os Afetos

Vanessa dos Santos da Conceição, *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia*

Maria Salete de Souza Nery, *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia*

Resumo: Esse artigo discute a relação entre imagem social, autoimagem e autoestima a partir da relação entre a pessoa com deficiência, a roupa e a questão da representatividade. Uma imagem social e autoimagem negativas impactam a percepção a respeito do que se pode usar, quando e onde, podendo gerar sentimentos de inadequação e vergonha. Tais sentimentos se acentuam na medida em que não se encontra ou se encontram poucas referências positivas nas quais é possível se apoiar (representatividade), como ocorre com as pessoas com deficiência. Uma vez que depoimentos publicados nas redes sociais apresentaram a relação com a roupa como um tema recorrente, investigamos o projeto de resistência #pcdsnacapa, que reconstrói capas de revistas, mas com pessoas com deficiência como personagens centrais. O que pudemos perceber é a agência de pessoas na busca por representatividade e mudança na imagem social e autoimagem e o lugar que a roupa desempenha nesse processo como instrumento não apenas de expressão de si, mas também de reconstrução de si.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência. Autoestima. Roupa. Representatividade. Afetos.



Introdução

É possível perceber nos conteúdos das redes sociais produzidos por influenciadores digitais que são pessoas com deficiência (PcDs) um fluxo bastante razoável de postagens a respeito das experiências com o próprio corpo, a autoimagem, a imagem social e como essas experiências impactaram sua autoestima. Um fator muito relevante que aparece em alguns desses relatos é a relação com a roupa. Entendida muitas vezes a partir da tônica da trivialidade ou apenas de importância na lógica comercial de uma frívola sociedade capitalista, o objeto roupa ganha singular significação quando observada a partir da lente dos afetos. E é a partir dela que buscamos avançar na discussão a respeito das pessoas com deficiência, mas talvez mais propriamente no modo como as experiências das pessoas com deficiência nos abrem novos ângulos de visada na compreensão da relação entre corpo, roupa e afetos. Um influenciador digital (2022), por exemplo, conta a sua história com shorts jeans e de como ele abdicou de usá-lo por muito tempo por ter vergonha das pernas que são lesionadas devido à paralisia cerebral. Por outro lado, temos a experiência de uma influenciadora (2021) que não conseguia achar calças jeans de cintura baixa, única possível devido a seu tronco curto, e como isso a incomodava, já que os únicos tipos de calças disponíveis para o seu corpo eram a calça *legging* e a calça de moletom, e esta segunda naquele momento ainda não era bem aceita - como a influenciadora afirma, “era meio zuado”.

Embora haja a preocupação em discutir a relação da pessoa com deficiência com a roupa, este trabalho não irá discutir a questão da roupa inclusiva. O nosso objetivo é investigar a representatividade e suas reverberações na autoimagem de pessoas e, em consequência, em sua autoestima e nos modos como essas pessoas se apresentam e se abrem para o mundo. Faremos isso, pois, a partir da relação corpo, roupa e afetos. A discussão se dará a partir do projeto #pcdsnacapa, que questiona a falta de representatividade das pessoas com deficiência e, indiretamente, a noção do que é belo e do que pode ou não estampar as capas das revistas de moda. Criado pela influenciadora digital Juliana Santos, a qual é também estilista, o projeto teve início na plataforma Instagram em 2021 e consiste em recriar capas de grandes revistas de moda, tendo como modelos pessoas com deficiência.



Dados Acerca da População com Deficiência no Brasil

Segundo a matéria *PNS 2013: Em dois anos, mais da metade dos nascimentos ocorreram por cesariana*, publicada no dia 21 de agosto de 2015 no site de notícias do IBGE, em 2013 a porcentagem da população que correspondia a pessoas com deficiência era de 6,2 por cento. Dentre esses 6,2%, aproximadamente 1,3% possui algum tipo de deficiência física: 1% da população é constituído de pessoas que adquiriram uma lesão durante a vida, e 0,3% é de pessoas que já nasceram com a lesão. As causas apresentadas para as lesões adquiridas foram doença ou acidente (IBGE, 2015). Em 2019, o número de pessoas com deficiência no Brasil já representava 8,4% da população a partir de dois anos de idade, correspondendo a cerca de 17,3 milhões de pessoas, conforme dados da PNS (GRANDA, 2021). Ou seja, houve um crescimento de 2,2% em 6 anos. Dessa forma, se a porcentagem populacional de pessoas com deficiência no Brasil atualmente é de 8,4%, então essa também é uma taxa de pessoas que possuem pouca ou nenhuma representatividade positiva nos meios midiáticos, principalmente nos chamados veículos de massa. De acordo com Giddens,

A modernidade é inseparável de sua "própria" mídia: os textos impressos e, em seguida, o sinal eletrônico. O desenvolvimento e expansão das instituições modernas está diretamente envolvido com o imenso aumento na mediação de experiência que essas formas de comunicação propiciaram. (GIDDENS, 2002, p.29)

Para Hall, atribuímos sentido às coisas através da linguagem, na qual “o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem” (2016, p.17). Giddens, por sua vez, diz que “a linguagem e a memória estão intrinsecamente ligadas, tanto ao nível da lembrança individual quanto ao da institucionalização de experiência coletiva.” (2002, p.28). Em outros termos, conteúdos que circulam repetidamente com um mesmo teor por canais distintos, a partir de diferentes pontos de origem, podem ganhar força de verdades ao serem internalizadas e naturalizadas enquanto uma memória instituída e legítima que, no caso, pode respeitar não apenas o modo como as pessoas em geral pensam (imagem social) e se relacionam com aquelas que têm deficiência, mas também podem ser internalizadas por pessoas com deficiência, em diferentes graus, o que repercute na



forma como essas pessoas se percebem (autoimagem) e no tipo de relação que elas estabelecem consigo próprias (sua autoestima) e com as outras pessoas nos diferentes âmbitos da vida. Construímos um repertório de interação com base nas nossas experiências e representações anteriores.

De acordo com Giddens, na modernidade "as imagens visuais que a televisão, o cinema e os vídeos apresentam sem dúvida criam texturas de experiência via mídia que não estão disponíveis na palavra impressa" (2002, p.31). Para o autor, a mídia produz uma familiaridade a partir dessas experiências audiovisuais, e isso

pode talvez, com frequência, produzir sensações de "inversão da realidade": o objeto ou evento real, quando encontrado, parece ter uma existência menos concreta que sua representação na mídia. Além disso, muitas experiências que podem ser raras na vida cotidiana (como o contato direto com a morte e os moribundos) são encontradas rotineiramente nas representações midiáticas; o enfrentamento dos fenômenos reais em si é psicologicamente problemático. (...) os meios de comunicação não espelham realidades, mas em parte as formam" (GIDDENS, 2002, p. 31-32).

É nesta mesma direção argumentativa que Bourdieu (2000, 2001) enfatiza que o simbólico está para além de um sentido apenas comunicativo, uma vez que contribui para formar condutas, de onde deriva seu poder e o interesse no controle do simbólico (poder simbólico) e possibilidade de violência (violência simbólica). No dia 27 de outubro de 2022, momento em que esse artigo estava sendo produzido, a *Vogue Brasil* publicou em seu site a matéria "Após brilhar com seu humor viral nas redes, Pequena Lo revela planos de trabalhar como atriz na TV e no cinema" (FRANÇA, 2022). Pequena Lo, como é conhecida nas redes sociais, é uma pessoa com deficiência física e atua como atriz, humorista e influenciadora digital. Usando o humor em seus vídeos, ela se tornou uma das maiores criadoras de conteúdo do Brasil, e conquistou recentemente a capa do Dossiê Especial Influência, da *Vogue Brasil*. Na entrevista, a Pequena Lo fala sobre a importância da representatividade para as interações:

Não tive referências de pessoas com deficiência. Hoje sou uma e vejo mais gente aparecendo e sendo reconhecida, como Ivan Baron e a Luísa Pitanga. Vejo uma pequena evolução, as pessoas estão mudando a visão com relação a nós porque estão convivendo mais com a gente. (FRANÇA, 2022)

Toda sociedade produz pessoas com deficiência, e qualquer indivíduo está sujeito a nascer ou adquirir uma lesão (ou múltiplas lesões)



durante a vida. Dessa forma, se o repertório, a representação que se apresenta socialmente tem base em estereótipos, sem nenhuma outra perspectiva positiva dessa identidade ou nova identidade como contraposição com força social suficiente para participar de forma mais equitativa das tensões discursivas em torno das classificações sociais hegemônicas, esse indivíduo está sujeito a acreditar que é mesmo inferior, menos atraente ou sem atrativos, menos capaz na comparação com as demais pessoas valoradas como normais, isso dentre tantos outros estereótipos associados à pessoa com deficiência.

De acordo com Silva (1987), durante o período colonial e imperial no Brasil, as pessoas com deficiência foram segregadas da sociedade por imposição, mas às vezes voluntariamente, coibindo sua possibilidade de participação na história política do país, a não ser pelo silêncio:

Os mais afortunados que haviam nascido em "berço de ouro" ou pelo menos remediados, certamente passaram o resto de seus dias atrás dos portões e das cercas vivas das suas grandes mansões, ou então, escondidos, voluntária ou involuntariamente, nas casas de campo ou nas fazendas de suas famílias. Essas pessoas deficientes menos pobres acabaram não significando nada em termos de vida social ou política do Brasil, permanecendo como um "peso" para suas respectivas famílias. (SILVA, 1987, p.191).

A criadora de conteúdo Ana Clara Moniz, em 19 de setembro de 2022, publicou duas fotos com a sua imagem na rede social Instagram¹. A junção das duas formava a frase: "Como me amar se o outro reza para não ser eu?". Juntamente às fotos, aparece uma legenda na qual ela discorre sobre a dificuldade de criar autoestima e autoamor numa sociedade em que as pessoas rezam (essa foi a palavra usada pela influenciadora) para não ser ela. Ana Clara ilustra justamente o que afirmamos aqui: a concepção que nutrimos sobre o corpo da pessoa com deficiência pode também impactar a visão dessa pessoa sobre o seu próprio corpo. Criar novas perspectivas sobre esses corpos, criar uma nova imagem, dar um outro sentido a essa identidade pode trazer benefícios sociais e para essas pessoas.

¹ Disponível: <https://www.instagram.com/p/CitGTiuLuoO/>. Acesso em: 22 de outubro de 2022.



A página² *Moda em Rodas* publicou no dia 6 de maio de 2021 um trecho da entrevista com a atleta de parabadminton e jornalista Lucivânia dos Santos. O trecho citado foi disponibilizado na rede social Instagram. Na postagem, a atleta, que foi diagnosticada com reumatismo hipofosfatêmico, diz:

[Com o convite de posar com roupa de praia,] eu tive a oportunidade de me desafiar e de ver que eu tenho a capacidade de ser sensual. [...] E acredito que isso não inspirou só a mim, mas também a todas as pessoas com deficiência que têm vergonha do próprio corpo. (MODA EM RODAS, 2021)

Lucivânia dos Santos descobriu a sua capacidade de ser sensual em uma campanha de moda praia, mas o que a impedia de se enxergar assim antes? Por que foi um desafio?

A *Vogue Brasil* publicou no dia 19 de fevereiro de 2022 a matéria intitulada “Amar o nosso corpo é um ato revolucionário”, diz influenciador PcD sobre luta por representatividade” (BARDUSCO, 2022), a qual traz o depoimento do criador de conteúdo Deives Picáz sobre a importância da representatividade para o desenvolvimento da autoestima. Ele diz:

A busca pela autoestima é outro estigma. Crescendo, eu acreditava que meu corpo não era digno de atração. Eu não conseguia ver beleza em mim, não acreditava que tinha nascido para namorar ou ter uma vida romântica. Eu sou um homem gay com deficiência e, entre a deficiência e a sexualidade, existem tantas questões a serem pontuadas. Na própria comunidade LGBTQIA+, principalmente na de homens homossexuais, o corpo padrão é muito valorizado. Aquele corpo musculoso, cartão postal da Calvin Klein. Por isso, ali naquele meio, o meu corpo não é idealizado. Até eu olhar para mim mesmo e perceber que sim, possuo beleza, demorou (BARDUSCO, 2022).

Na nossa sociedade, o que determina o que pode ser aceito ou não está ligado ao que aprendemos a considerar normal e anormal. Para Maia (2011), essas noções de normalidade e anormalidade não apenas afetam o campo produtivo do trabalho, como também incidem sobre aspectos psicossociais da pessoa com deficiência. Um desses aspectos é a sexualidade, que é também uma característica básica do ser humano.

² Disponível: <https://www.instagram.com/p/COjAbOOhIeG/> acesso em: 22 de outubro de 2022.



A sexualidade da pessoa com deficiência é repleta de crenças e por isso não é estranho o fato de que Deives tenha por algum tempo acreditado que não seria suficientemente atraente para potenciais parceiros, que não havia um lugar para si no campo afetivo amoroso, que Ana Clara tenha questionamentos sobre o autoamor, ou mesmo que Lucivânia tenha duvidado de sua capacidade de ser sensual, até realizar o ensaio com roupa de praia.

Os discursos estereotipados sobre a sexualidade das pessoas com deficiência impedem que vivenciem seus desejos e sejam protagonistas de suas escolhas. Por outro lado, o processo de empoderamento contribui para romper com as representações sociais negativas a seu respeito. (CARVALHO, DANTAS, SILVA, 2014, p. 559)

“O empoderamento constitui um processo tanto coletivo quanto individual no desenvolvimento de potencialidades, visando tornar a pessoa capaz de direcionar a sua vida de acordo com seus desejos” (CARVALHO, DANTAS, SILVA, 2014, p. 559). Para os autores, o empoderamento para as pessoas com deficiência contribui para a “promoção da democracia e atenuação da vulnerabilidade, pois oportuniza o fortalecimento delas enquanto seres humanos que conhecem o valor que têm.” (p. 559). O resultado desse empoderamento para a pessoa com deficiência é aquisição de uma visão sobre si de “sujeito capaz de fazer escolhas na sua vida e responsabilizar-se por suas decisões” (p. 559).

Representar o corpo da pessoa com deficiência por uma outra perspectiva é contribuir para criar uma nova imagem, um novo sentido para essa identidade e, claro, novas possibilidades de relações com outras pessoas e consigo. Segundo Hall, "representar algo é descrevê-lo ou retratá-lo, trazê-lo à tona na mente por meio da descrição, modelo ou imaginação; produzir uma semelhança de algo na nossa mente ou em nossos sentidos (2016, p.32).

Mas se tentamos assim, com tanto vigor, esconder a existência de 8,4% da população brasileira, não a representando de forma positiva e, assim, contribuindo para sua segregação pelo fomento de uma imagem limitada, limitadora e deturpada, ou mesmo não a representando, é porque esse ranço é antigo, não está limitado ao Brasil e permanece vivíssimo, escondendo e silenciando as pessoas com deficiência. No entanto, afirmar a internalização e perpetuação histórica e geográfica de tais representações negativas a respeito das pessoas com deficiência em



geral porta a urgência de reafirmar que a memória respeita não apenas a continuidade de lembranças e imagens, mas também os mecanismos de suas alterações/atualizações ao longo do tempo. Apesar da falta de representatividade ainda reinante ou representatividade negativa ainda fortemente vigente, é possível catalogar movimentos de resistência das pessoas com deficiência aos sentidos e significados atribuídos aos seus corpos.

Estereótipos, Modelos de Beleza e Resistência

Naomi Wolf (1992), em seu livro *Mito da beleza*, diz que, mesmo com toda mobilização e depois de muitos avanços das mulheres do chamado Primeiro Mundo em busca da tão sonhada liberdade, essas ainda se sentiam incomodadas e até mesmo envergonhadas por nutrir preocupações com a aparência, já que as mesmas viam essas preocupações como algo trivial, menos importante. Mas o que foi notado por Wolf (1992) é que essa preocupação com a estética é um reflexo dos avanços sociais conquistados pelo feminismo. A autora conta que, embora as mulheres tenham adquirido recursos econômicos e outras conquistas significativas, a relação com o próprio corpo é ainda pior em comparação com a época de suas avós:

Nos últimos cinco anos, as despesas com o consumo duplicaram, a pornografia se tornou o gênero de maior expressão, à frente dos discos e filmes convencionais somados, e trinta e três mil mulheres americanas afirmaram a pesquisadores que preferiam perder de cinco a sete quilos a alcançar qualquer outro objetivo. Um maior número de mulheres dispõe de mais dinheiro, poder, maior campo de ação e reconhecimento legal do que antes. No entanto, em termos de como nos sentimos do ponto de vista *físico*, podemos realmente estar em pior situação do que nossas avós não liberadas. Pesquisas recentes revelam com uniformidade que em meio à maioria das mulheres que trabalham, têm sucesso, são atraentes e controladas no mundo ocidental, existe uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle. (WOLF, 1992, p.12)

Wolf atribui essa reação ao que ela chama de Mito da Beleza, que, segundo ela, é uma arma política de controle usada aproximadamente a



partir de 1930 como um substituto da mística feminina da domesticidade. Porém, o mito da beleza não se mantém estagnado no tempo; ele passa por transformações, porém, ele sempre teria tido a mesma “função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar” (WOLF, 1992, p.13). E não somente isso, mas também a função de “destruir psicologicamente e às ocultas tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente” (WOLF, 1992, p.13). Nesse sentido, o lugar que antes era ocupado pela dona de casa, segundo a autora, foi ocupado pela “modelo jovem e esquelética” como indicativo de uma feminilidade ideal. Dessa forma, podemos afirmar que os modelos e principalmente as modelos funcionam, nesta perspectiva, como um veículo de divulgação do Mito da beleza.

Esteban diz que, ao analisar a modelagem, é possível verificar as “variações nos conceitos de beleza, mas também as transformações na noção de pessoa e perfeição social, de modo que as modelos se tornaram convertidas a identidades sociais ideais.” (2013, p. 110, tradução livre)³ e ainda completa afirmando que “as modelos representam de uma maneira quase mágica, com seu glamour e feitiços de moda, uma certa ordem social, encenam rituais que vão dando forma e caráter ao mundo no qual vivemos” (SOLEY, 1995 *apud* ESTEBAN, 2013, p. 110, tradução livre)⁴

A lógica prevista pelo mito da beleza sugere que a beleza é um valor universal e que existe de forma objetiva decorrente disso. A consequência é de que as

mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução. A beleza da mulher tem

³ “variaciones en los conceptos de belleza, pero también las transformaciones respecto a la noción de persona y perfección social, de forma que las modelos se han convertido en identidades sociales ideales.” (ESTEBAN, 2013, p. 110)

⁴ “Las modelos representan, de una manera casi mágica, con su glamour y sus hechizos de moda, un determinado orden social, escenifican rituales que van dando forma y carácter al mundo en el que vivimos (Soley, 1995a)”. (SOLEY, 1995 *apud* ESTEBAN, 2013, p. 110)



relação com sua fertilidade; e, como esse sistema se baseia na seleção sexual, ele é inevitável e imutável. (WOLF, 1992, p. 15)

Mas, para Wolf, essa lógica ocidental é uma grande mentira. A beleza não é uma qualidade universal, nem uma função evolutiva ou mesmo imutável. O mito da beleza não pode ser justificado pelo crivo biológico, nem pela religião, nem pelo gênero. A única justificativa possível para a existência desse sistema é que ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens (1992, p. 17). A beleza seria um sistema monetário regulado politicamente a favor da dominação masculina. Eco (2007), por outro lado, diz que o tempo e o espaço podem construir uma noção relativa do que é considerado belo e feio, isto é, as noções mudam dependendo da cultura e do período histórico. Para o autor, embora essas noções sejam relativas, “não significa que não se tentou, desde sempre, vê-los como padrões definidores em relação a um modelo estável” (ECO, 2007, p. 15). A modelo (profissional), como aponta Esteban, é

composta de significados ligados entre si, referindo-se ao físico, à atitude, ao gesto, à nacionalidade, a classe social, raça, idade... Ou seja, a modelo, criada por designers, editores de moda, fotógrafos e clientes, não só representa um ideal físico, mas também uma pessoa, um caráter social (1995b, p. 8). Tudo isso relacionado a uma cultura que promove o visual, a imagem estética, a fotografia, em comparação com outros sentidos e impressões. O mundo da moda e da beleza é um mundo em construção com vários protagonistas e atores/as, no qual se recrutam mulheres com sucesso que vão personificando diferentes definições da feminilidade e que desbancam nesse papel aristocratas, atrizes, cantoras e outras personagens. (ESTEBAN 2013, p. 110. Tradução livre) ⁵

⁵ “compuesta por significados añadidos unos a otros, referidos al físico, a la actitud, al gesto, a la nacionalidad, a la clase social, a la raza, a la edad... Es decir, la modelo, creada por diseñadores, editores de moda, fotógrafos y clientes, no sólo representa un ideal físico, sino también una persona, un carácter social (1995b, p. 8). Todo ello relacionado con una cultura que potencia lo visual, la imagen estética, la fotografía, frente a otros sentidos e impresiones. El mundo de la moda y la belleza es un mundo en construcción, con diversos protagonistas y actores/as, en el que se reclutan mujeres con éxito que van personificando diferentes definiciones de feminidad y que desbancan en este papel a aristócratas, actrices, cantantes y otros personajes.” (ESTEBAN 2013, p. 110)



O/A modelo, podemos tratar mais genericamente, é basicamente um instrumento dos padrões de beleza para que a ideia do que é considerado um corpo bonito, um corpo normal, seja socializado e incorporado por mulheres e homens. Em protesto contra esse formato de celebração e exaltação de apenas um tipo de corpo sendo veiculado nas mídias, pessoas que não possuem corpos como os que são aceitos se movimentam.

Juliana Santos, influenciadora digital e estilista em setembro de 2021, durante a campanha do setembro verde, mês de luta pela inclusão da pessoa com deficiência, criou a hashtag #pcdsnacapa. O intuito da influenciadora era chamar atenção para a falta de representatividade de pessoas com deficiência nos veículos midiáticos. A proposta era postar uma foto de uma pessoa com deficiência, recriando uma capa de revista marcante e, claro, com uma montagem que indicasse a revista escolhida. No dia 21 de setembro de 2021, a *Revista Universa* publicou em seu site a matéria “Influencers com deficiência recriam capas de revista icônicas” (BARDELLA, 2021), na qual apresentava uma entrevista com Juliana Santos. A influenciadora narrou que, quando criança, chegou a sentir muita vergonha do corpo e isso se prolongou até a fase adulta, mas declarou que isso seria amenizado se tivesse tido acesso a outras meninas iguais a ela.

Atualmente a hashtag possui, isto é, até a data de elaboração desse artigo, 212 publicações, mas nem todas cumprem as regras designadas pelo projeto. Cinquenta e oito postagens cumprem as regras da campanha, enquanto todo o resto se divide em vídeos de influenciadores/as com deficiência (com a temática da deficiência ou não), notícias sobre o projeto, postagem com a temática da deficiência, mas não necessariamente sobre representatividade ou autoestima, fotos de pessoas com deficiência na qual a legenda trata do dia de conscientização da luta da pessoa com deficiência e até mesmo fotos de cadeiras de rodas. A maioria das postagens foi feita por mulheres brancas, jovens, com deficiência física.

Além das fotos, algumas das postagens traziam legendas sobre a importância da representatividade para a vida das pessoas com deficiência. Seguem na tabela alguns desses textos:



Tabela 1. De textos do movimento #pcdsnacapa

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Luiza Pitanga</p> <p>Fonte: Instagram</p> <p>Data: 13 de setembro de 2021</p> <p>Disponível em:</p> <p>https://www.instagram.com/p/CTxvbIwAxzl/</p> <p>Acessado em:</p> <p>23 de outubro de 2022</p> | <p>“Eu fui uma criança que não conseguia se ver em lugar nenhum. Não existiam bonecas como eu; as minhas personagens favoritas dos desenhos não eram nem um pouco parecidas comigo; os comerciais, revistas e outdoors também não tinham ninguém com quem eu me identificasse. Isso tinha uma influência enorme na maneira que eu me enxergava. Vivi muito tempo me odiando e sentindo que cada característica minha me afastava de tudo que era considerado bonito. Hoje vejo que isso se relaciona diretamente com a falta de referências que eu tinha. Atualmente, quando vejo alguma campanha sobre diversidade, me pergunto se também englobam pessoas com deficiência. A resposta na maioria das vezes é não. Por isso, luto para que a mídia entenda que corpos com deficiência são possíveis e que o público com deficiência existe.” (Pitanga, 2021)</p> |
| <p>Bartira Sene</p> <p>Fonte: Instagram</p> <p>Data: 13 de setembro de 2021</p> <p>Disponível em:</p> <p>https://www.instagram.com/p/CTxu2VBLjl2/</p> <p>Acessado em: 23 de outubro de 2022</p> | <p>“Desde pequena eu busco representatividade, corpos que parecem com o meu nas grandes mídias. Parecia quase uma missão impossível me ver representada em algum programa de TV, propaganda ou capa de revista. O corpo com deficiência nunca era mostrado como um corpo que pode ser amado, celebrado e desejado. E por isso que fico tão feliz e emocionada com esse projeto lindo, agora eu, e esse tanto de gente maravilhosa participando, podemos ser a representatividade que sempre foi tão sonhada. A escolha pela capa que iria recriar não foi à toa, Rihanna sempre foi uma potência de representatividade de pessoas negras, desde sua música até sua linha de maquiagem que foi uma das primeiras (que eu soube) que contemplou uma diversidade enorme de tons de pele, do mais claro ao mais escuro. Agora recrio essa capa belíssima com o intuito de que pessoas negras e com deficiência saibam que não estão sozinhas. #pcdsnacapa” (Sene, 2021)</p> |
| <p>Vanessa de Oliveira</p> <p>Fonte: Instagram</p> <p>Data: 13 de setembro de 2021</p> | <p>“Quem aqui, como eu, já teve coleção de revista? Eu não perdia uma edição. E dessas revistas, quantas com pessoas com deficiência na capa você já viu? A minha resposta é: nenhuma! Tinha até uma matéria ou outra, mas sempre com</p> |



| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Disponível: https://www.instagram.com/p/CTxrNdRP4iA/</p> <p>Acessado em: 23 de outubro de 2022</p> | <p>aquele tom de superação. Apesar de gostar das revistas, não me via nelas, não via corpos parecidos com o meu nelas, e quando via, tinha sempre um texto ou uma nota com teor capacitista junto. Pensar em pessoas com deficiência numa capa de revista onde o assunto fosse moda, beleza, relacionamento, etc, era ilusório; simplesmente não combinava com as referências que eu tinha. Era só um sonho! (Hoje eu entendo que é tudo reflexo do capacitismo na nossa sociedade). Mas esse sonho se tornou realidade! Eu fui convidada pela @estilistajuliana pra um projeto onde o objetivo é: reproduzir capas de revistas famosas. E cá estou eu, reproduzindo um capa da @ellebrasil, que estampou a maravilhosa da @gisele, realizando algo que na minha mente era tão distante. Agora com sinceridade, ficou belíssima essa versão, né?A Vanessa de 15 anos jamais sonharia que algo tão incrível pudesse acontecer! #pcdsnacapa” (Oliveira, 2021)</p> |
| <p>Juliana Santos</p> <p>Fonte: Instagram</p> <p>Data: 13 de setembro de 2021</p> <p>Disponível: https://www.instagram.com/p/CTxo_Kms3aQ/</p> <p>Acessado em: 23 de outubro de 2022</p> | <p>Quando criança aos dez anos eu já sabia que queria ser estilista, sem nem ao menos saber o que era bem isso. Minhas revistas favoritas eram @ellebrasil @voguebrasil @revistamanequim e @capricho, e durante 25 anos após essa idade, sabe quantas vezes eu vi um corpo de uma mulher #pcd ser capa nessas revistas? CINCO VEZES!!!! Como se nossos corpos não fossem dignos de estrelar uma capa, uma propaganda, uma página que seja, mas NÃO EM MATÉRIA SENSACIONALISTA!!! Não pra contar história de superação, pra colocar nossa deficiência em destaque, invés de quem realmente somos, nossos talentos, nossas histórias de verdade. Minha capa é tão linda quanto a capa do lado, a produção é igual, bela modelo, belas roupas, belo cabelo, belas fotos, BELAS MÃOS? SIM BELAS MÃOS!!! Que carregam uma dor que eu transformei em renascimento, que me ajudam a realizar sonhos todos os dias, que saem da minha mente e se realizam em formas de vestido. Um dia esses vestidos estarão em milhares de capas de editoriais dessas revistas, e como estilista de todos, eles só serão vestidos por todos os estilos de mulheres, homens e trans, corpos e estilos diferentes, afinal como o próprio título diz: JULIANA SANTOS, MODA PARA TODOS. E com muito prazer que hoje convido vocês para</p> |



| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | conhecer o projeto #pcdsnacapa nossa campanha para a inclusão mais ativa de PCDS não só de faz de conta mas de verdade, na vida real, na TV, na propaganda no ônibus, no Instagram, no YouTube, TikTok, séries de tv e muito mais. (Santos, 2021) |
| <p>Stephanie Marques</p> <p>Fonte: Instagram</p> <p>Data: 13 de setembro de 2021</p> <p>Disponível: https://www.instagram.com/p/CTxyw2PJWVL/</p> <p>Acessado em: 23 de outubro de 2022</p> | “Stephanie na capa da Vogue falando sobre moda inclusiva?! Ainda é um sonho, mas quem sabe um dia vira realidade. Torço pra que esse dia chegue logo e as grandes marcas e mídias realmente sejam inclusivas em atender todas as minorias, mas enquanto isso mal sabem eles que tão perdendo muito dinheiro porque o público PCD é um grande público consumidor que ainda não é absorvido. Além é claro, de trazer e fazer uma representatividade verdadeira, não só em épocas esporádicas ou nos tratando como "especiais" e indivíduos de superação.” (Marques, 2021) |

Fonte: Elaboração própria a partir de postagens públicas da #pcdsnacapa, 2022

É possível observar nos textos uma busca por representatividade a qual começa já na infância. Essa busca também é associada em algumas falas à construção da autoestima, quando, por exemplo, procuram em uma outra pessoa semelhante uma referência de beleza, relacionamento, moda e não encontram. Busca-se uma referência positiva para se espelhar. Procura-se também uma maior divulgação da moda inclusiva por meio dos grandes veículos, como a revista *Vogue*. Isso indica que a pessoa com deficiência busca ser pensada em suas necessidades e desejos. Ao ser reforçada a inquietação com as matérias sobre superação, reivindica-se o reconhecimento como pessoas, em primeiro lugar.

Embora, pelo número de publicações apresentadas, a ação pareça pequena, não passou despercebida, a ponto de se tornar objeto de matéria no site da *Vogue Brasil*, umas das revistas de moda mais influentes do mundo. A matéria, intitulada “Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência: matérias para aprender sobre o tema”, foi publicada no dia 21 de setembro de 2021, com autoria vinculada à redação *Vogue*, e começa contando um pouco da história do dia de conscientização da luta da pessoa com deficiência e termina com um breve resumo sobre



a campanha #pcdsnacapa. Alguns outros sites também noticiaram a repercussão da *hashtag*.

É de fato muito interessante como essas movimentações surgem, ainda que realmente não exista uma representatividade positiva significativa nos meios midiáticos. A verdade é que elas surgem justamente por isso, pela falta. Esses indivíduos se movimentam no mundo, contrários à ideia vigente sobre a sua existência, sobre os seus corpos, se movimentam apesar das práticas e visões capacitistas. Devemos entender o capacitismo, de acordo com Campbell⁶, como “um conjunto de suposições (conscientes ou inconscientes) e práticas que promovem o tratamento diferenciado ou desigual das pessoas por causa de atuais ou supostas deficiências.” (2009, p. 4. tradução livre).

Uma amostra dessas idéias capacitistas acerca do corpo da pessoa com deficiência diz respeito à crença de que pessoas com deficiência não poderiam ser atraentes, manter um relacionamento e que seriam pessoas indignas de desejos, ou seja, indesejáveis. Segundo Maia, somos levados a acreditar que “o sexo é direito exclusivo de pessoas jovens, saudáveis e belas” (2011, p.89) e que existiria um corpo ideal para despertar desejo, atração e para a prática sexual, e o padrão seria o corpo “perfeito, magro, esbelto e atlético” (2011, p. 89). No entanto, para a autora, há outros fatores que podem despertar o amor e a atração, que não se limitam apenas a um padrão estético.

Apesar de serem desacreditados das suas potencialidades socialmente por conta do capacitismo, é possível ver a agência desses indivíduos. Querem, por exemplo, inverter a lógica de uma sociedade fortemente capacitista é a prova disso. De acordo com Giddens (2002), essas ações de contraposição são uma possibilidade que é flexibilizada pelo período que vivemos, no qual o “eu” não se encontra mais passivo.

A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e, portanto, com o eu. Uma das características distintivas da modernidade, de fato, é a crescente interconexão entre os dois "extremos" da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro. (GIDDENS, 2002, p. 9)

⁶ “Disablism is a set of assumptions (conscious or unconscious) and practices that promote the differential or unequal treatment of people because of actual or presumed disabilities.” (CAMPBELL, 2009, p.4).



Ortner diz que, segundo Giddens, os sujeitos são “sempre, ou ao menos parcialmente, ‘conhecedores’, e assim, capazes de agir a favor e contra as estruturas que os formaram” (2007, p. 379). Esse poder de ação é o que chamamos de agência. A agência, para Ortner,

não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente constituídos). (ORTNER, 2007, p. 379)

Relação com a Roupas e a Importância da Representatividade na Moda

Há alguns trabalhos sobre roupas inclusivas, porém ainda há uma lacuna grande quanto a trabalhos que tratem da relação da pessoa com deficiência física com as roupas a partir do crivo dos afetos, mais especificamente do modo como a correlação entre imagem social, autoimagem e autoestima ocasionam sentimentos de vergonha e resistência emocional ao uso de determinadas peças de roupa, mesmo elas estando disponíveis para aquisição e uso. Em outros termos, não se trata, nestes casos, de não uso por inadaptabilidade do corpo físico ao recorte das peças, mas da sensação de inadaptabilidade social, e mesmo desmerecimento, e que promove efetivas sensações, que são psicossociais, de mal estar, desconforto, vergonha e desprazer, que não passam pela questão do gosto por determinados modelos, cores ou estampas.

Algumas postagens de influenciadores digitais trazem no discurso essa relação com as roupas. Para ilustrar isso, resumimos alguns relatos contidos em vídeos, os quais apresentaremos a seguir:

Tabela 2. Resumo dos Conteúdos dos Vídeos Sobre a Relação Com a Roupas

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Rafa Brunelli Fonte: Instagram Data da publicação: 26 de julho de 2022 Disponível: | <i>Pessoas com deficiência podem vestir qualquer tipo de roupa?</i> é com essa pergunta que o criador de conteúdo Rafa Brunelli começa seu vídeo. Rafa conta sua experiência com o corpo e a roupa. Ele relata que usava vários blusões para esconder o corpo, um corpo com deficiência, isso acontecia até mesmo no calor. Na adolescência tinha vontade de usar roupas apertadas, mas tinha vergonha, e medo que as roupas |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|



| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>https://www.instagram.com/p/CgfUc4Wjn7X/ Acessado em: 17 de outubro de 2022</p> | <p>marcassem suas costelas e costas. Conta que só se libertou desses sentimentos na fase adulta.</p> |
| <p>Eduardo Victor Fonte: Instagram Data da publicação: 23 de setembro de 2022. Disponível: https://www.instagram.com/p/Ci3RBzZpKG1/ Acessado em: 17 de outubro de 2022</p> | <p>Eduardo Victor, criador de conteúdo, começou um vídeo no qual fala exclusivamente de sua relação com a roupa e com o seu corpo a partir da frase: “e se eu te dissesse que, para pessoas com deficiência, um short não é só uma peça de roupa?” No caso de Eduardo, a peça em questão era o short curto. O influenciador, que tem como característica a paralisia cerebral, conta que resistiu muito tempo ao desejo de usar shorts curtos por conta da vergonha que nutria sobre suas pernas e da forma que andava.</p> <p>Na descrição do vídeo ele escreveu:</p> <p>“E se eu te dissesse que, pra mim que tenho uma deficiência, um short não é só um short?? mesmo sendo uma pessoa magra, as roupas podem ser uma grande inimiga de pessoas com deficiência e foi um processo passar por isso a roupa tem que caber em você, não o contrário” (Victor, 2022)</p> |
| <p>Luísa Pitanga Fonte: Instagram Data da publicação: 21 de outubro de 2021 disponível: https://www.instagram.com/p/CVTmqDjFtgh/ Acessado em: 17 de outubro de 2022</p> | <p>Luísa Pitanga, no dia 21 de outubro de 2021, fez postagem na qual falava da sua insegurança no uso do biquíni que já havia usado outras vezes em outras ocasiões. Ela conta que se perguntou se era uma farsa por não estar conseguindo usar a peça enquanto fazia nos outros dias posts de autoaceitação em suas páginas nas redes sociais. Mas, a partir desse questionamento, lembrou que o processo de desenvolvimento do amor próprio não é linear.</p> <p>A legenda do vídeo dizia:</p> <p>“Sobre a internet e o mito da autoestima inabalável. O processo de aceitação do próprio corpo não é linear! Até quem fala sobre isso na internet tem seus momentos de insegurança.” (Pitanga, 2021)</p> |
| <p>Letícia Guilherme Fonte: Instagram</p> | <p>Letícia, em seu vídeo “Minha relação com a moda”, fala da sua militância e da moda, que o fato de sempre ter que usar roupas infantis sempre a incomodou, principalmente porque ela sempre gostou de se vestir na moda, com as roupas que as pessoas da sua idade gostam de</p> |



| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Data da publicação: 25 de maio de 2021</p> <p>Disponível: https://www.instagram.com/p/CPUN2gXDK4Y/</p> <p>Acessado em: 17 de outubro de 2022</p> | <p>usar. Ela também conta da sua falta de poder de escolha em relação à roupa, pela falta de opções e das reflexões que fazia desde criança por conta do seu incômodo em relação a não poder fazer uso das roupas que ela gostava.</p> <p>No relato, Letícia fala da dificuldade de encontrar uma roupa que se adeque ao seu corpo e o quanto isso é constrangedor, ter que procurar por horas uma peça de roupa. Ela usa como principal exemplo a calça Jeans, uma peça que gostaria muito de usar, mas na maioria das vezes não consegue, mesmo com ajustes, e teve que optar por calça legging ou de moletom. As calças de moletom, segundo ela, hoje estão mais na moda, mas, por muito tempo, era meio "zuado" usar e por isso passou muito tempo da vida usando calça legging.</p> <p>No vídeo, ela também fala da questão da calça e short de cintura alta que até então estava em voga. Por ter o tronco curto, a calça e shorts de cintura alta acabam sendo mais um obstáculo para o desejo de Letícia. O cós da calça de cintura alta fica na altura do peito, o que não é confortável para a influenciadora. Para ela, seria mais adequado que existisse também a opção de calças e shorts de cintura baixa, assim ela não precisaria comprar a calça de cintura baixa só porque está disponível, mesmo que não goste do modelo.</p> <p>A influenciadora ainda fala da sua experiência com sutiãs, biquínis e sapatos.</p> <p>Na descrição do vídeo, Letícia escreve:</p> <p>“Foi muito bom gravar esse vídeo e relembrar como toda a questão da militância começou pra mim! Por incrível que pareça, a moda foi um dos assuntos que me trouxe a maior reflexão de como meu corpo está fora dos padrões, assim como todas as pessoas com deficiência... e não somos nós que temos que mudar isso, né? Por isso, também me coloco a disposição para marcas, empresa e pessoas que querem construir essa mudança! Let's que bora juntos?” (GUILHERME, 2021)</p> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Elaboração própria a partir das postagens públicas das/os influenciadoras/es na rede social Instagram, 2022



O influenciador Deives Picáz conta como foi seu processo de autodescoberta, de criação de uma autoidentidade:

O autoamor foi nascendo dentro de mim conforme fui me analisando e percebendo que é tudo sobre autenticidade. Sei que possuo uma personalidade forte e admirável, por isso aprendi que posso ser autêntico com o meu corpo também. Comecei a reafirmar a minha autoestima na minha personalidade, nas roupas que eu ia usar, no meu estilo, nas minhas tatuagens. Me preservo ancorado no que eu acredito, na minha essência. (BARDUSCO, 2022)

A roupa aparece como um instrumento de reafirmação no mundo, conforme a fala de Deives. Mas é também um marco na transição e na construção do olhar de si sobre si mesmo, tanto em Deives quanto em outros/as influenciadores/as. O sári, por exemplo, na cultura indiana, marca um lugar de transição e também de construção do próprio indivíduo enquanto mulher. Miller (2010) diz que aprender a dirigir o carro e aprender a usar o sári têm o mesmo significado no que diz respeito à "mudança na percepção que a pessoa tem da própria idade; há um sentimento de se tornar adulta, com todas as novas liberdades, capacidades, restrições e medos que isso implica" (2010, p. 46-47). Além disso, o uso ou não uso e o mau uso ou o uso correto do Sári implicam em críticas de outras pessoas, assim como causam sentimento de orgulho e medo por parte dos pais. O sári, dessa forma, ajuda na construção do sujeito dando significado a essa nova etapa da vida. Essa peça não só expressa e constrói aos olhos dos outros, mas ajuda essa mulher a se entender como mulher. Mesquita (2010) fala de moda subjetiva, a qual diz respeito ao "vestuário como uma das variáveis que se ligam à constituição do sujeito - individual, pessoal, particular" (2010, p. 13). Para a autora,

os modos de se vestir, se adornar, de interferir sobre os corpos, são elementos que se compõem com os outros vetores, os quais produzem os modos de ser, os modos de relação a si: subjetividades. A subjetividade varia seus modelos dominantes, a partir da oscilação das forças que estão compondo e recompondo seus contornos. A moda estetiza e apresenta muitos desses elementos interligados: moral, tecnologia, arte, religião, cultura, ciência, economia, natureza, etc. (MESQUITA, 2010, p.15)

À roupa são atribuídos significados. Para Bergamo, a roupa tem o papel de intermediador no campo da moda, já que ela "expressa, reproduz e nutre uma série de relações existentes. E, se isso é possível, é



porque (...) a roupa significa algo, seja o que for “(BERGAMO, 1998, p.140). Ainda para o autor, a roupa

É uma construção racionalizada: permite comunicar o sentido da posição do indivíduo dentro da estrutura social, é seu instrumento de realização. Ou, em outros termos, aciona os interesses em jogo entre os diversos grupos. (BERGAMO, 1998, p.140)

Tratamos aqui, pois, da roupa em seu caráter expressivo e como instrumento num jogo social de forças, como aponta Bergamo, mas reforçamos que a roupa está para além do comunicativo-expressivo, uma vez que, através de nossa relação com ela, igualmente vamos nos percebendo, construindo e reafirmando. Deste modo, buscamos transpor as interpretações mais simplistas que vêm na roupa apenas um veículo de exibição social ou mesmo o sinal mais candente dos distúrbios de uma sociedade capitalista e consumerista. Uma peça de roupa pode também significar pertencimento, (auto)reconhecimento, inclusão, mudança, ou o seu oposto. É possível notar nos discursos algumas inquietações de pessoas com deficiência com relação ao seu corpo, mas também com relação à roupa, que se torna aqui um objeto possível de libertação (quando criam uma maior consciência sobre a própria existência a ponto de se sentirem aptos e mais confortáveis para fazer uso do objeto de desejo) ou de restrição (quando o desconforto com o corpo pode levar ao não uso de certas peças de roupas, mesmo quando há o desejo). Além disso, a roupa também aparece como um objeto que é capaz de camuflar as lesões, quando o desconforto quanto ao corpo está acima de sua aceitação pela própria pessoa com deficiência como resposta a uma não aceitação social. De acordo com Gomes:

A imagem construída de um corpo é o reflexo daquilo que se espera dele, a partir de padrões da beleza instituídos socialmente. Assim sendo, as preocupações com o corpo estão subjugadas a um julgamento alheio. Nesse sentido, as pessoas que estão fora dos padrões estéticos estabelecidos sofrem um desânimo perante a constatação de que seu corpo mostra um fracasso no agenciamento do próprio corpo e de seus limites. Esta supervalorização da beleza influencia na construção da identidade pessoal, constantemente em contraponto com um outro corpo, numa atitude de comparação. Esse movimento forma um grupo de pessoas que ficam estigmatizadas. Desse modo, tais pessoas tentam “disfarçar” sua imagem real para assim aumentar suas chances de aceitação social. (GOMES, 2019, p. 124)



Maia (2011) diz que, na maioria das vezes, a imagem corporal da pessoa com deficiência é percebida como desvantajosa, em comparação aos outros corpos. Por imagem corporal, a autora explica que se trata da imagem pessoal que cada indivíduo tem de si que se forma “a partir de um referencial social e cultural, que nem sempre é compatível com o real, mas relacionada ao imaginário ou àquilo que é desejável socialmente” (MAIA, 2011, p. 55). Maia considera que o indivíduo que possui uma boa imagem corporal é aquele que aceita a sua identidade, assim como aceita “aspectos afetivos e sociais inerentes a sua existência” (2011, p. 55). Caracteriza-se como alguém que se estima, que possui autoestima. Essa seria desenvolvida se “os vínculos afetivos familiares e sociais fossem estabelecidos, prioritariamente, por meio de reforçadores, sentimentos de amor, afeto e aceitação” (MAIA, 2011, p. 55). No entanto, na maioria das vezes, a reação da família diante da chegada de um ente que tem como característica uma lesão que o caracteriza como uma pessoa com deficiência é bem diferente do que seria preciso para o desenvolvimento de uma autoestima positiva. Maia (2011) diz que os sentimentos que acometem os familiares geralmente são a negação e a revolta, assim como a tristeza e o luto. A questão é que o ente ideal, o filho ideal seria um indivíduo sem deficiência. Neste sentido, a luta das pessoas com deficiência se torna muito mais árdua, na medida em que se vêem obrigadas a tensionar contra o modo como os outros naturalizadamente percebem as PcDs, mas também contra toda uma série de sentimentos enraizados em si mesmas e que constituem muitas vezes uma autoimagem negativa associada a uma baixa autoestima, reforçadas pela carência de imagens sociais positivas em circulação a respeito, tornando a luta, por diversas vezes, um empreendimento individual - realidade esta que essa era das redes sociais têm ajudado a paulatinamente mudar, ainda que o percurso nesta direção seja ainda muito longo.

Conclusão

No Brasil, onde se localizam essas/es influenciadoras/es, a porcentagem de pessoas com deficiência em 2019, como já havíamos dito, é de 8,4%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa porcentagem diz respeito a 17,3 milhões de pessoas, as quais possuem pouca ou nenhuma representatividade. Essa falta causa uma forte indignação em pelo menos uma parte das pessoas com deficiência -



as/os influenciadoras/es digitais são uma prova disto. Para mostrar sua indignação com essa realidade, transformam essa questão em pauta para suas publicações.

É notável a agência desses indivíduos que já não se identificam com a identidade a qual lhes foi atribuída. E agora acreditando que é possível viver, ou mesmo sobreviver fora dos moldes dessa identidade estigmatizada, desejam contribuir com mudanças por meio de mobilizações individuais - estando presentes nas redes sociais, mostrando seus corpos, indo contra a lógica de apagamento, vestindo roupas que não achavam possíveis para o seu corpo e divulgando isso, para que outros, com corpos semelhantes, criem novas perspectivas estéticas sobre si – ou mesmo coletivas, criando movimentos de inclusão em lugares que dificilmente ocupariam por conta exatamente do que é pregado socialmente sobre o seu corpo. Mesmo no caso das ações mais pontuais e individualizadas, o resultado é a constituição de uma rede de relacionamentos por afinidades que acaba por ampliar o espectro de possibilidades de ações e também de renovação das estimas sociais e auto-estimas.

Existir enquanto agente é criar uma autoidentidade, é se mobilizar contra o que já não é funcional. Há evidentemente um apelo por uma nova concepção de si mesmo a partir da imagem do outro - semelhante. Pedir uma representatividade positiva é, sobretudo, querer se enxergar e obviamente ser visto por uma lente menos cruel do que a convencional.

A questão da representatividade também perpassa a questão da roupa. Como vimos anteriormente, há determinadas peças de roupas que causam o sentimento de vergonha, insegurança, mas também de liberdade e auto realização - obviamente que esses sentimentos não estão contidos na roupa, mas no significado que é dado a ela, de acordo com a noção que o indivíduo possui do próprio corpo. A roupa aparece aqui como um dos instrumentos de construção desse indivíduo - diria até da construção desse/a ator/atriz que se veste com o figurino de acordo com os sentimentos quanto a sua personagem, já que a forma com que esses indivíduos se sentem diz muito sobre o que será ou não vestido, se ela usará ou não o biquine. Aos que desenvolveram por algum motivo uma imagem mais positiva de si, a roupa ajuda na construção dessa nova personagem, para aqueles/as que ainda se olham pelos moldes estereotipados, a roupa realizará a mesma função: ajudará a construir.



Com base nas informações acessadas, a pessoa com deficiência encontrará na representação positiva um instrumento para olhar para a sua própria existência com uma outra perspectiva diferente daquela que se apresenta atualmente. Dessa forma, ao se basear em uma outra perspectiva possível, também poderá realizar seu desejo de imagem.

Referências

BARDELLA, Ana. Influencers com deficiência recriam capas de revistas icônicas. *Revista Universa UOL*, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/amp-stories/anticapacitismo-pessoas-com-deficiencia-recriam-capas-de-revista-iconicas/> . Acesso em: 15 de outubro de 2022.

BARDUSCO, Gabriela. "Amar o nosso corpo é um ato revolucionário"#, diz influenciador PcD sobre luta por representatividade. *Vogue*, 2022. Disponível em: <https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2022/02/amar-o-nosso-corpo-e-um-ato-revolucionario-diz-influenciador-pcd-sobre-luta-por-representatividade.html> Acesso: 18 de outubro de 2022

BERGAMO, Alexandre. O campo da moda. *Revista de antropologia*. São Paulo, v. 41, n. 2, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/133431/131118/261938>. Acesso em: 30 de outubro de 2022.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CAMPBELL, Fiona Kumari. *Contours of Ableism: The Production of Disability and Aabledness*. Austrália: Griffith University, 2009. Disponível em: <https://www.freelists.org/archives/sig-dsu/08-2013/pdfyWdtytodrO.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de, DANTAS, Taísa Caldas, SILVA, Jackeline Susann Souza. Entrelace entre Gênero, Sexualidade e Deficiência: uma História Feminina de Rupturas e Empoderamento. *Rev.*



Bras. Ed. Esp., Marília, v. 20, n. 4, p. 555-568, Out.-Dez., 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbee/a/bV7h6MQqf7VyQ5Y93RYrBdw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 22 de outubro de 2022.

ESTEBAN, Mari Luz. *Antropología del cuerpo: género, itinerarios corporales, identidad y cambio*. Barcelona, España: Edicions Bellaterra, 2013. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6111490/mod_resource/content/1/Esteban%20-%20Antropologia%20del%20cuerpo.pdf. Acesso em: 19 de outubro de 2022

FRANÇA, Pedro Henrique. Após brilhar com seu humor viral nas redes, Pequena Lo revela planos de trabalhar como atriz na TV e no cinema. *Vogue*, 2022. Disponível em: <https://vogue.globo.com/vogue-negocios/noticia/2022/10/apos-brilhar-com-seu-humor-viral-nas-redes-pequena-lo-revela-planos-de-trabalhar-como-atriz-na-tv-e-no-cinema.ghtml>. Acesso em: 28 de outubro de 2022.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, Rosane da Silva. Identidade e identificação: o corpo gordo, a beleza e a moda plus size. In: CIDREIRA, Renata Pitombo. *Belo Contemporâneo: corpo, moda e arte*. Aracaju: J. Andrade, 2019. Disponível em:

https://issuu.com/gpcorpoecultura/docs/o_belo_contemporaneo/s/11374428. Acesso: 24 de outubro de 2022.

GRANDA, Alana. Pessoas com deficiência em 2019 eram 17,3 milhões: número representava 8,4% da população nessa faixa etária. *Agência Brasil*, 2021. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/pessoas-com-deficiencia-em-2019-eram-173-milhoes>. Acesso: 22 de outubro de 2022.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Apicuri, 2016.

IBGE. PNS 2013: Em dois anos, mais da metade dos nascimentos ocorreram por cesariana. IBGE, 2015. Disponível:



<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=2965&t=pns-2013-dois-anos-mais-metade-nascimentos-ocorreram-cesariana&view=noticia> Acesso em: 15 de outubro de 2022

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. *Inclusão e Sexualidade: na voz das pessoas com deficiência física*. Curitiba: Juruá, 2011.

MESQUITA, Cristiane. *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2010.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. *Horizontes Antropológicos*, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832007000200015>. Acessado em: 29 de outubro de 2022.

REDAÇÃO VOGUE. Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência: matérias para aprender sobre o tema. *Vogue*, 21 de setembro de 2021. Disponível: <https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2021/09/dia-nacional-de-luta-das-pessoas-com-deficiencia-8-materias-para-aprender-sobre-o-tema.html> Acesso em: 17 de outubro de 2022.

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 424-434, dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000300004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 17 de maio de 2019.

SILVA, Otto Marques da. *A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*, 1987. Disponível em: https://www.academia.edu/32230464/A_EPOP%C3%89IA_IGNORADA_A_Pessoa_Deficiente_na_Hist%C3%B3ria_do_Mundo_de_Ontem_e_de_Hoje. Acessado em: 29 de outubro de 2022.

WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as Mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

People With Disabilities, Clothing And Self-Esteem: When The (Lack Of) Representation Touches The Affections

ABSTRACT: This article discusses the relationship between social image, self-image and self-esteem based on the relationship between people with disabilities, clothing and the issue of representativeness. A negative social image and self-image impact the perception of what can be used, when and where, and can generate feelings of inadequacy and shame. Such feelings are accentuated to the extent that one does not find or few positive references on which it is possible to rely (representativeness), as with people with disabilities. Since testimonials published on social networks presented the relationship with clothing as a recurring theme, we investigated the resistance project #pcdsnacapa, which reconstructs magazine covers, but with people with disabilities as central characters. What we could perceive is the agency of people in the search for representativeness and change in the social image and self-image and the place that clothes play in this process as an instrument not only of self-expression, but also of self-reconstruction.

KEYWORDS: Disability. Self esteem. Clothing. Representativeness. Affections.

Vanessa dos Santos da CONCEIÇÃO

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Integra o grupo de pesquisa Corpo, Socialização e Expressões Culturais (ECCOS/UFRB). Bolsista Capes.

E-mail: vsc494@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0683-4394>

Maria Salete de Souza NERY

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde é credenciada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS). É doutora em Ciências Sociais. Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Socialização e Expressões Culturais (ECCOS/UFRB) e membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (CMD/UnB).

E-mail: saletenery@ufrb.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7723-22>

Recebido em: 27/11/2022

Aprovado em: 01/12/2022